



entrevista com

CHICO DE ASSIS

Entrevista com Francisco de Assis Silva - Chico de Assis, repentista, cordelista, produtor cultural e arte educador. Chico nasceu em Alexandria-RN, dia 25 de setembro de 1962. Entrevista realizada na sua residência em Ceilândia-DF, dia 13 de maio de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

[Dedilha baião na viola dinâmica.]

Chico: Eu sou natural de Alexandria, Rio Grande do Norte. Estou em Brasília desde 1994, sempre morando em Ceilândia.

Domingos: Como é que foi a vida aqui no começo? Você veio para trabalhar?

Chico: O meu trabalho sempre foi cantar, trabalhar com Repente e com Literatura de Cordel. Eu trouxe a família em 1994, mas eu vinha aqui desde 1991. Nesse período ainda tinha muitas pessoas aqui que faziam Cantorias, e essas pessoas tinham o hábito de assistir e de promover Cantorias no Nordeste. Com o tempo essas pessoas foram morrendo, envelhecendo... E foi se perdendo o hábito de fazer as Cantorias de pé de parede. Tanto é que hoje em Brasília não tem quase Cantoria de pé de parede, as Cantorias são mais institucionalizadas por meio de apresentações em projetos ligados ao Governo local ou ao Governo Federal e outras instituições - sindicatos, ONGs, fundações. E hoje pouco se faz Cantoria de pé de parede em Brasília. Eu vim mais em função das Cantorias de pé de parede. Quando foi em 1994, eu fiquei quatro anos diretor da Casa do Cantador, de 94 até 98, no governo de Cristovam [Buarque], na época. E depois fiquei mais dois anos no governo Agnelo [Queiroz] como diretor da Casa. Eu preferi sair porque não tenho mais como ficar em trabalho de instituição pública. Gosto mesmo de fazer o meu trabalho enquanto artista, pra estar fazendo da forma que eu quero, não ter que estar assinando ponto e ficar esperando por um salário que não é muito bem... Que não cai bem para o artista que vive mesmo trabalhando por contrato e de outras formas. Prefiro não ter mais cargo de governo e trabalhar de outra forma. Eu trabalho mais só com Repente e com cartilhas, cordéis, ministro cursos, oficinas, dou palestra e tenho meus cachês para tudo isso que faço. Acho melhor e é mais rentável também.

Domingos: Como foi o seu processo de aprendizado, quando você começou a ver Cantoria?

Chico: Olha, eu nasci numa região de cantadores, repentistas. Se a gente for falar de região, é quase todo o Nordeste. E na minha região de Alexandria, Rio Grande do Norte, as pessoas conviviam muito com Cantorias de pé de parede. Também comecei a ouvir rádio a partir dos oito anos de idade e os programas que a gente ouvia era só forró e Cantoria. Como os cantadores andavam nas fazendas, eles cantavam muito na zona rural, eu comecei a Cantoria muito criança, ia com meu pai. A gente morava perto do pai de um cantador. Meu pai era meeiro e trabalhava na fazenda de um fazendeiro que era sogro de um dos maiores cantadores do Nordeste, que foi uma lenda da Cantoria: Antônio Nunes de França, que também nasceu no sítio onde eu nasci. E tinha um sobrinho da mulher dele que era um cantador também famoso: Antônio Fernandes. Eles moravam em Limoeiro do Norte, no Ceará, e a rádio que os dois cantavam entrava muito bem naquela região. Antigamente as rádios varavam o Nordeste todo, não tinha muitas, a frequência era muito livre e as rádios transitavam muito bem e conseguiam alcançar por meio de ondas médias, ondas curtas, ondas longas, elas entravam no Nordeste todo. E a gente ouvia a Cantoria dos dois. Eu tive

uma felicidade de nascer perto dessas pessoas e comecei a fazer os meus primeiros versos ainda criança. Comecei na roça, trabalhando na roça e cantando na roça. Eu ouvia os rádios e, nos programas de rádio, eu decorava todas as canções, sabia todos os poemas e canções. Eu via só duas vezes, mesmo analfabeto. Aí eu me alfabetizei aos doze anos, e vim estudar mesmo com afinco a partir dos dezesseis. Na verdade, eu acho que comecei a estudar mais em função da Cantoria, porque nós éramos quase todos analfabetos. Meus pais são analfabetos, eu sou filho de pai e mãe... Meu pai é analfabeto e minha mãe é semianalfabeta. Ela lê e escreve muito pouquinho, mas meu pai é analfabeto de tudo. Era generalizada essa questão do analfabetismo na região. E a Cantoria me potencializou a estudar. Lembro que comprei um folheto de Literatura de Cordel e duas folhas soltas com dois poemas - e foi através dessas coisas que eu comecei a ler, comecei a perguntar à minha mãe... Fui pro *Mobral* que era um tipo de supletivo. Antigamente, na zona rural, só estudava à noite. Na verdade, as pessoas não tinham um estudo muito elevado... E quando dou uma volta assim ao passado, vejo que ela era semianalfabeta. Ela sabia era mesmo a questão do beabá, e com duas semanas ela disse que eu não fosse mais à escola porque eu sabia mais do que ela. Acho que era em função da Cantoria, de ter aquela vontade de ler muito. Aí eu lembro que comecei a ler tudo, eu lia todos os livros. Bíblia sagrada li várias vezes ela de fora a fora, e voltava e lia aquelas coisas que as pessoas pediam pra cantar. Porque naquela época as pessoas pediam muito sobre Bíblia Sagrada, mesmo sem saber. Eu acho que era o ato de ouvir alguém pedir, aí pedia: “fala aí, nascimento, vida e morte de Cristo”. Imagine! Você cantar nascimento, vida e morte de Cristo. Outros pediam só o nascimento de Cristo. E algumas histórias importantes como a história de Josué, “Daniel na Cova dos Leões”... Josué que mandou o sol parar, “As Dez pragas do Egito”. A gente cantava muito sobre isso. A história de José do Egito, a questão dos faraós. E as gerações da Bíblia sagrada, você tinha que cantar uma por uma, fulano gerou alguém, alguém gerou... E história geral, a gente cantava muito história geral. Só que os cantadores liam muito, às vezes sem um embasamento de letramento. E às vezes eles eram, em função disso, muitos eram reacionários... Também em função da Cantoria, que ainda vinha muito daquele hábito do elogio. Um pouco de puxa-saquismo também, às vezes até sem entendimento que era... Não sei se era em função da necessidade do momento. Depois os cantadores foram se burilando, polindo mais o seu trabalho e hoje a Cantoria é muito diferente da Cantoria do meu início.

Domingos: Você chegou a formar dupla? Como foram as suas primeiras duplas?

Chico: A gente quando começa a cantar não forma dupla, você sempre fica pegando pedacinho de Cantoria dos outros. Você vai pra Cantoria de uma dupla, chega lá e a pessoa diz: “olha, esse menino está começando, põe ele pra cantar”. Você às vezes canta lá no final da Cantoria um pouquinho... Naquele tempo era meio complicado, que alguns cantadores não gostavam de cantar com aprendiz nem dar oportunidade. Os cantadores não davam muita oportunidade para os iniciantes em função da euforia das pessoas que pediam pra cantar com esses aprendizes, na maioria das vezes meninos. No meu caso, eu comecei com dez, doze anos. Aí comecei a cantar muito sozinho, treinando sozinho, depois eu brincava

muito. Às vezes simulava... Eu já tinha essa tendência de Artes Cênicas, que sou formado em Artes Cênicas hoje. E depois enveredei pelo lado do teatro até pela questão performática da Cantoria, que a gente não tinha noção nenhuma dessa questão, desse lado performático de postura enquanto artista. Eu simulava muito na roça: colocava minha enxada em pé, colocava o meu chapéu na enxada... E fazia um verso por mim e o verso pela enxada, como se fosse outro cantador. E eu dava um nome e ficava fazendo essa viagem como se eu tivesse cantando com alguém. Às vezes até a voz eu mudava. Às vezes estou pensando e fico viajando, “pô, já tinha essa inclinação pelo lado do teatro...” E comecei, como falei, na fazenda. Fiz a minha primeira Cantoria aos quinze anos. Na verdade, eu cantava muito errado, não tinha ainda estrutura das rimas e da métrica com perfeição - até em função do meu trabalho, de ter estudado pouco -, mas não tinha a concepção formada mesmo do letramento. Tinha dúvida ainda na escrita e, em função de você ter dúvida na escrita, você está propenso a cometer o erro de rima. Porque às vezes uma palavra pode ser rimada só com o som, mas a escrita está errada. E hoje a gente tem esse cuidado de saber qual é a palavra que tem o som e que não tem a mesma escrita. Às vezes até pela questão da conjugação verbal... E ficava mais fácil de cantar porque você não tinha o cuidado de limpar a Cantoria através da linguagem, ou pelo menos trazer para uma linguagem coloquial, que não é culta - pois cantador não tem como cantar na língua culta -, mas pelo menos na língua coloquial... Ou pelo menos um pouco mais avançada. Quando você não tem essa concepção, fica mais fácil. Por isso que os cantadores não deixavam os mais jovens cantar, porque os cantadores eram analfabetos. Chegava lá era tudo eufórico, cantando muito rápido, o povo se empolgava e o caboclo cantava a Cantoria... E às vezes não queria perder terreno pra aquele aprendiz. “Não vou cantar com o aprendiz não... Cantar com aprendiz que não sabe cantar nada e que fica ganhando terreno da gente”. Eu não tenho essa preocupação hoje nenhuma, de chegar e cantar com o aprendiz. A gente tem esse conhecimento, mas os cantadores da minha época não tinham esse cuidado que a gente tem hoje, esse entendimento.

Domingos: E desses cantadores da sua época, você lembra de alguém que te marcou pelo talento?

Chico: Com o meu início, de tanto ouvir na rádio... Eu tive o cuidado de ouvir primeiro, pra depois chegar na primeira Cantoria, abordar um cantador. Quando foi em 1977, eu com 14 anos, meu pai comprou um violão. Em setembro que eu fiz quinze anos, em 77. E nesse ano um cantador foi à minha casa e me ensinou a afinação de viola. Afinou a viola e com um mês fiz uma Cantoria na minha casa, com ele e outro cantador, que é Valdemiro Gomes - morreu muito jovem, aos quarenta e seis anos, era um cantador muito bom. E com um cunhado dele que hoje é meu cunhado, Valdecir Maniçoba, que nunca foi um cantador profissional. Aí fizeram a Cantoria lá em casa e depois eu comecei a cantar com eles. Isso no município de Alexandria, no Rio Grande do Norte. Eu fiquei uns dois anos, de final de 77 até 79, só na zona rural, por ali cantando, brincando. E no final de 79 nós fomos morar em Pau dos Ferros, era uma cidade maior, eu já conhecia os cantadores, tinha cantador que passava pra cantar

naquela região. E tinha um espaço em que os cantadores cantavam durante a feira e que lotava. E que era uma verdadeira Cantoria, muito grande, isso era tradicional. Acabou, hoje a gente vê em Brasília, não tem quase ninguém na feira... Mas se você fosse a uma feira tradicional de Cantoria há 35 anos tinha o quê? Cinquenta, sessenta pessoas assíduas, que iam todos os sábados. E pagavam muito bem. Tanto é que a Cantoria da feira era a Cantoria que enchia a bandeja quatro, cinco vezes, de dinheiro. E eu comecei essa Cantoria, pegar alguns espaços cantando com eles. Aí em 80, final de 81, eu fui pra Mossoró. Fui mesmo pra cantar e estudar – no final de 81 eu fiz a quinta série. Aí eu estudei sexta, sétima e oitava em Mossoró, e morando em Mossoró, na Casa do Cantador e em casa de amigos. Aí em 1985 eu já estava preparado, segundo os cantadores. Eu já cantava, participava de vários festivais, ganhei vários festivais de revelação em 1984 e 1985. Os quatro primeiros festivais de cantadores revelação em que participei, eu ganhei todos, na época. Aí eu deslanchei, parei de estudar e fui cantar. Voltei a estudar só em 1987, acho que 88. Fiquei esses três anos só cantando, sem estudar. Quer dizer, em colégio, estudando, mas acho que a época que eu mais estudei, me preparando pra cantar, foi durante esses três anos. Eu tive duplas curtas pois ficava muito eufórico pra conhecer várias regiões. Ficava três meses com um cantador numa rádio, mudava, o outro me chamava: “ei, vem pra minha rádio, vem cantar aqui comigo”. Eu saía cantar com outro, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, foram nesses quatro estados em que mais eu cantei. Tanto é que eu fiz programa em três rádios de Mossoró: Rádio Rural, Rádio Libertadora Mossoroense e Rádio Tapuia. Fiz programa em duas: na Rádio de Limoeiro do Norte, fiquei uns seis meses, e participando em outra, na Educadora e na Rádio Vale. Só participava dos colegas. Aí fiz em Pau dos Ferros três anos, fiz Santa Cruz do Capibaribe quase um ano, foi em 86. Em Pau dos Ferros fiquei de 1987 a 1990. E fiz 1992, o ano todinho na Paraíba. Morando em Pau dos Ferros eu ia pra Paraíba, ficava lá quinze dias e voltava, fazia com Severino Feitosa, fiz programa de rádio muitas vezes... Aí pronto, me duplei com Zé Gomes, fiz em Sousa da Paraíba dois programas de rádio. Um com Raimundo Borges, outro com Zé Moraes. Pau dos Ferros fiz com Zé Gomes; Campina Grande fiz com Severino Feitosa; Santa Cruz com Heleno Severino e Amaro Dias. Eu não gostava muito de dupla não. Na época, como eu cantava em muitos festivais, ficava revezando dupla de cantadores. Tanto é que às vezes eu saía da casa do meu pai em Pau dos Ferros, do sítio pra cidade e chegava lá na rodoviária de Pau dos Ferros: tinha dois ônibus que cruzavam quase ao mesmo tempo, o primeiro que passasse eu ia. Ou ia pra Paraíba ou ia pra Mossoró. *[Risos.]* Onde eu chegasse, eu tinha apoio, sempre fazia isso. Aí depois fiquei mesmo só nesse trabalho. A dupla que eu tenho há muito tempo é aqui em Brasília, eu e João Santana, há dezesseis anos.

Domingos: Lembra de alguns versos que você cantava nessa época?

Chico: Não.

Domingos: Alguma coisa?

Chico: Como eu fazia muito de improviso... Os trabalhos eram mais de improviso.

Domingos: E sempre acompanhado com a viola? Você tinha uma viola sua que levava pra todo canto?

Chico: Tinha, tinha, sempre com viola. Nessa época eu trabalhava mais com viola. Eu vim trabalhar mais com o lado da Literatura de Cordel a partir de 1995, já morando em Brasília. Hoje eu trabalho muito com Literatura de Cordel também, mais com encomenda. Produto de encomenda, cartilha, Cordel livro, Cordel também, livreto, literatura.

Domingos: Existe uma ligação entre a Cantoria e o Cordel? Como é?

Chico: Tem pessoas, às vezes até dentro do universo acadêmico, que não se prepara e fica dizendo: “cantador de Cordel”. Não tem nada a ver, nós somos cantadores repentistas e também somos cordelistas. Nem todo repentista é um cordelista, e quase nem todo cordelista é um repentista. Um bom repentista, por si só ele já é, por excelência, um cordelista. Se você fizer a regravação do que ele cantou de improviso e gostou, você pode publicar num Cordel - virou um Cordel do que ele cantou. É diferente do cordelista, que às vezes só escreve e não tem a habilidade de cantar de improviso. Aí, a Literatura de Cordel já está dizendo: é uma literatura. E o Repente é oralidade. Uma é questão da oralidade e outro é a literatura.

Domingos: E quando você chega aqui em Brasília... Era diferente a Cantoria que se fazia aqui da que se fazia lá do Nordeste?

Chico: Não. A Cantoria que eu fazia de pé de parede era a mesma, porque eram pessoas que tinham vindo do Nordeste. Por isso que eu estou dizendo, a formação de plateia é muito diferente... A plateia hoje de Cantoria, ela é diferente. Ela não é uma plateia que tem o conhecimento que tinha antigamente, das modalidades e da forma de se emocionar. Porque sabiam o que era Cantoria, pelo menos sentiam. Sabiam não, porque às vezes até um cantador mediano não sabe. No fundo, no fundo, no fundo ele não sabe o que é Cantoria. Ele canta, mas não sabe como é difícil entender Cantoria. Um cantador bom, pra falar de Cantoria, ele tem que primeiro fazer uma autocrítica de si, estudar a Cantoria e dizer: “o que eu estou cantando é uma Cantoria mesmo, de que forma? Como é que é uma boa Cantoria?” Muitos não fazem. Tem muitos cantadores de nome aí que não têm esse momento. Aí faz uma entrevista, ele se acha um gênio. “Eu sou um professor, sou um antropólogo que conheço tudo, estudei tudo e você faz isso de improviso, coisa que eu não faço...” Mas no fundo, no fundo, é a prática. Ele convive com aquilo é mais de ouvido. E às vezes a pessoa não tem esse momento de despertar para saber o que é que ela faz. Hoje não. Você pode falar de Cantoria que ele dá uma aula sobre Cantoria. Mas tem cantador bom que canta muito bem e que não sabe falar de Cantoria.

Domingos: E como foi o processo de ir se familiarizando com cada gênero? As sextilhas, mote em dez...

Chico: É porque os gêneros estão inseridos nos atos da Cantoria, na questão das expressões ou modalidades artístico-culturais que os cantadores utilizam pra fazer seus trabalhos. E todos conhecem essas modalidades, fica muito fácil a partir do momento que eu canto as modalidades. A não ser que eu crie uma modalidade nova que você não a conheça, mas todas as modalidades conhecidas da Cantoria, todos os cantadores cantam. O que é complicado às vezes é que eu canto aqui com ela, ou com ele aqui, que tem um ritmo igual o meu. Aí eu vou cantar contigo que tem um ritmo diferente, às vezes é mais lento... *[Dedilha a viola.]* Os cantadores velhos faziam muito isso, é muito complicado. O baião tradicional hoje é esse... *[Toca um baião de viola.]* Essa é a pancada tradicional hoje da Cantoria. Ela é padronizada. Mas se você for olhar tem outros que ficam dedilhando... *[Dedilha a viola.]* Tenta não atrapalhar o outro enquanto ele está cantando. Mas tem o cantador que é direto aqui. *[Dedilha a viola exemplificando.]* Ele me mata, eu gaguejo com ele fazendo isso, porque estou antenado no que eu estou fazendo por meio de uma melodia que tem um ritmo cadenciado. Se eu perco a cadência eu quebro. Então, o cantador que não tem essa preocupação, ele faz de todo o jeito. Muitas vezes você não sabe nem em que ritmo ele está... É muito complicado. *[Dedilha a viola exemplificando.]*

Domingos: E essa questão do aprendizado da viola... Os violeiros, de um modo geral, estão tocando bem a viola?

Chico: Tem alguns que tocam muito bem. Eu tocava razoavelmente bem, mas hoje eu não sou um bom tocador de viola. Virei um cara muito preguiçoso pra esse lado de me aperfeiçoar na questão da viola. Tanto é que eu cantava todos os poemas e canções. Hoje eu não canto mais nenhum. Perdi o hábito, o povo não pede. Pescoço da viola eu não sei mais quase nada, que eu fazia todos os arranjos aqui. Eu só uso mesmo o baião padrão. E alguns solos. Melodia eu solo todas aqui, no solo eu solo tudo... *[Dedilha na viola.]* Eu estive a semana passada em Pau dos Ferros no Rio Grande do Norte, tinha seis duplas de repentistas - que eles fazem o primeiro sábado do mês. Tem um procurador federal da justiça lá que gasta em torno de cinco ou seis mil todo mês pra fazer isso, ele tira do bolso dele e ele faz. É o investimento dele, Dr. Doraciano. E ele paga esses cantadores pra cantar só no sábado pela manhã. E tinha dois cantadores lá... Esses dois cantadores, eles são tudo cancioneiros, tocam viola muito bem, são um clássico na viola. E porque vivem em programa de rádio, o povo gosta muito dessas canções de rádio, eles tocam viola muito bem. Você vê João Santana, que canta comigo, ele é professor de violão, mas o baião dele é o tradicional meu, padrão, do mesmo jeito. Ele não procurou querer ser um grande tocador de viola. Ele é um bom violonista, mas viola é o padrão igual ao meu.

Domingos: E a canção, ela acaba sendo um gênero dentro do contexto da Cantoria?

Chico: É. Ela é, dentro da Cantoria. Porque as canções, elas eram mais cantadas em rádios ou em Cantoria. E tinha cantador que era mesmo só cantador de canção. Por isso que a gente diz: “ah, fulano só canta canção, não é cantador não”. Às vezes era um mediano improvisador, mas cantava canção muito bem e agradava as pessoas que gostavam das

canções. E nas Cantorias eu sofri muito de ficar duas, três horas só cantando canção. Você cantava canção, você abria a Cantoria com duas ou três sextilhas, depois cantava umas modalidades, vinham os motes, o povo começava a pagar os motes e outras modalidades, galope à beira mar... Tinha o partidário de solteiro e casado, no estilo da sextilha: um defende o lado do casado, outro defende o lado do solteiro. Um falava das vantagens do solteiro, outro as vantagens do casado. E eram duas bandejas, um pagava do casado, outro do solteiro. Depois somava pra ver quem tinha ganho, se era o casado ou solteiro. Sempre o casado ganhava. O solteiro naquele tempo não ganhava dinheiro quase nada! E aí começavam as canções... Aí era pesado, muito pesado. Você cantar duas, três horas sem parar... Tinha as dos cantadores, as melodias muito altas, os cantadores procuravam melodias muito altas. Eu não tinha problema, que eu sou barítono, e minha voz eu levo pra onde eu quero. Agora quem tem um problema de voz é meio complicado, tem que baixar a viola às vezes.

Domingos: Você sempre usou a viola dinâmica?

Chico: Nada. Uma viola dessa daqui era só pra cantador bom! Não que eu seja cantador bom hoje! *[Risos.]* Pois eram muito caras essas violas... A gente começava com um violãozinho e adaptava pra viola. Você pegava um violão de seis cordas, aí adaptava. Colocava uma Mi, uma sexta e uma quinta e três Mi. Aqui a gente usa a terceira, porque é dez cordas, eu só uso sete. Mas no violão não tem como você colocar essa terceira, que ela ajuda muito no som da viola. E elas ficavam mais ou menos parecidas com viola. Aí depois você comprava uma violazinha simples mesmo, só de uma boca... Começou a surgir, começou a aparecer aquela viola que era baratinha, que era da Rei dos Violões. Comecei a comprar aquela viola e depois comprei uma viola boa. Hoje eu tenho várias violas.

Domingos: Você sabe como que se chegou a essa configuração, da viola repentista ter essa afinação?

Chico: Olha, os primeiros cantadores que começaram a iniciação da Cantoria foram ali na região entre Teixeira com a Paraíba e Pernambuco. Os primeiros cantadores dali... É Romano da Mãe D'Água... É Os Irmãos Batista. Eles começaram a criar, tiraram do violão e fizeram. Tanto que a afinação artesanal é quase a afinação do violão. É quase a mesma coisa do violão. É mais uma afinação artesanal... É diferente da viola caipira que você tem o Cebolão, Rio-abaiixo e outras afinações que eles usam. A de repentista é só essa e pronto.

Domingos: E os repentistas utilizavam outros tipos de instrumentos? Tem um vídeo do Pinto de Monteiro em que ele usa um parecido com um cavaquinho...

Chico: Eu não sei... Alguns cantadores ainda usaram rabeca, no início. Mas eu acho que era em função da necessidade de cantar e de não ter mesmo o aporte de instrumento. Não é? Eu fiz minhas primeiras violas inventando de qualquer jeito, sem mostrar pra ninguém. Eu pegava uma lata de óleo doméstico, furava aqui, amarrava aqui com um pau. Aí pegava umas cordazinhas de nylon, até da rede de pescar, que eu usava. Oito anos eu já era

pescador. Aí eu arrumava aqui, apertava de um jeito aqui, amarrava e não dava tom de jeito nenhum, mas eu cantava daquele jeito brincando. Também fazia muito com rabo de cavalo, o rabo da cauda de cavalo que a afinação é bem fininha. Você aperta, não tora... Você vai apertando um pouquinho... Aí o som é bem fininho em função da corda, do pelo do cavalo ser muito fino e ser longo. Você pegava uma distância dessa com um pelo de cavalo, colocava cinco, seis e aí inventava de cantar. Mas na verdade não tinha som de nada, era só mais uma forma de dizer que tinha.

Domingos: Mas você chegou a fazer violas assim?

Chico: Não. Não, eu fazia essas violinhas que na verdade não era viola, era só uns apetrechos que eu usava lá pra cantar, mas não era viola.

Domingos: E aqui em Brasília, quando você chegou, quem cantava por aqui?

Chico: Aqui tinha muito cantador. Aqui tinha, nós estávamos fazendo a conta um dia desses, eu e Donzílio. E Donzílio é um mestre, com 85 anos aqui em Brasília. Nós já perdemos mais de dez colegas aqui que já se foram. Aqui quando eu cheguei tinha Zuzinha, que morreu, Zé Germano... Na verdade, quase todos os cantadores de Brasília não são profissionais. Existe essa diferença na Cantoria: o cara que consegue se preparar pra ser um bom cantador e viver só da Cantoria, e existe o outro que usa a Cantoria como um bico. Porque a partir do momento que eu faço uma coisa e invento de cantar, eu não sou profissional, eu estou usando a Cantoria como um bico. E é o que a maioria dos cantadores de Brasília sempre fez. A grande maioria fez isso. Vinha de lá, porque não tinha um mercado de Cantoria que pudesse sobreviver com essa Cantoria. Veio pra Brasília pra trabalhar de outra coisa e nas horas vagas cantava. Aí alguns até pararam e continuaram cantando porque viram que a Cantoria dava mais. E hoje nós temos poucos cantadores em Brasília.

Tati: Pra você chegar em Brasília e conseguir se estabelecer, como foi esse primeiro momento?

Chico: Pois é, quando eu vim... Como eu já falei, eu vim a Brasília a partir de 1991. De lá pra cá eu fiquei três anos vindo sempre a Brasília e São Paulo. Era o meu eixo: eu ficava um mês em Brasília, dois em São Paulo e nove meses no Nordeste. Eu fazia essa viagem uma vez por ano, às vezes eu cheguei a fazer até duas vezes por ano. Aí tinha alguns festivais em Brasília... Eu ia muito em festivais em São Paulo. São Paulo é uma cidade em que eu cantei muito em festival. Às vezes eu ia só pro festival e voltava na outra semana. E São Paulo era um mercado bom de Cantoria. A gente conversou, como Brasília tinha essas pessoas de Cantoria, imagina em São Paulo! Tinha um hotel lá que era só com cantadores. O hotel ter quase cem cantadores do Nordeste, com mercado pra cantar todo final de semana... Em São Paulo acontecia o quê? Quarenta, cinquenta Cantorias no mesmo dia. Hoje, cantador do Nordeste faz o quê? Faz uma ou duas por mês. Você vê como está difícil a questão da Cantoria... Alguns cantadores estão indo a São Paulo também pra fazer apresentações relâmpago. É contratado pra cantar numa atividade, vai só em função daquela e volta. Por

isso que a Cantoria hoje, se a gente não tiver cuidado, ela se acaba, não é? A Cantoria de pé de parede, ela está praticamente morta. Eu fui a uma Cantoria de pé de parede agora duas vezes no Nordeste, que na verdade não é pé de parede, não tem bandeja... Foram duas Cantorias pagas pela prefeitura, lá no Nordeste. Aí você vê: antes de ontem, sexta-feira, eu fui à Cantoria em Zé da Penha, que tinha gente de Mossoró, cento e cinquenta quilômetros na Cantoria. Você vê como ainda tem esses apologistas que gostam mesmo e que vão... E lá agora eles têm um consórcio, acho que de vinte cantadores, que revezam fazer as Cantorias. Um faz a Cantoria de Pau dos Ferros, outro faz até Cajazeiras na Paraíba, Alexandria. Eles têm acho que trinta cidades que estão revezando de Cantoria, é um consórcio. Aí o promovedor da cidade tal ajuda o outro promovedor, eu acho isso até legal. Aí você vê a plateia nova na Cantoria, que não é aquela plateia que conhece mais a Cantoria. Ou você tem o cuidado de preparar essa pessoa pra Cantoria ter continuidade ou ela morre. Ou vai ficar um tema pra cantar na universidade... Mas a Cantoria mesmo tradicional de pé de parede ela está muito difícil. Inclusive eu não tenho mais coragem de sobreviver da Cantoria de pé de parede, porque não dá, pra mim não dá.

Domingos: Qual é a diferença da Cantoria de bandeja, mais tradicional, com uma Cantoria patrocinada?

Chico: Tinha muita Cantoria de pé de parede que era melhor do que se fosse cobrada numa portaria. Porque o ouvinte de Cantoria, o ouvinte bom de Cantoria, que hoje são poucos pagadores de Cantoria, mas o ouvinte pagador de Cantoria aí há vinte, trinta, quarenta anos... Ele era a pessoa que gastava mais com cultura. O cara chegar hoje, dar duzentos reais numa bandeja. E às vezes eu vi até uma questão de disputa. Vocês aqui, que eram chamados de mais condição, colocavam cinquenta e outro colocava cem, como se fosse pra dizer: “eu estou pagando melhor do que você”. E os cantadores achavam bom porque as bandejas ficavam sempre com notas mais graúdas. E tinha aquelas Cantorias de periferia, de gente pobre, que a Cantoria era muito de valor baixo. Só tinha uma coisa que não dava em Cantoria e que cantador sempre odiou: a tal da moeda. Às vezes eu cantava muito em faculdade e o cara dizia: “vamos rodar o chapéu”. Eu digo: “não rode não, pelo amor de Deus, não quero que ninguém rode chapéu não”. A gente não deixava rodar chapéu não. E tem artista que gosta de rodar chapéu, principalmente em universidade. Não vou rodar o chapéu aqui, o quanto eles jogam de moeda... Ninguém roda chapéu pra cantador não! *[Risos.]* Sim e você me perguntou da questão quando eu cheguei em Brasília, como foi, como eu me estabeleci. Eu vim pra Brasília com uma garantia de sobrevivência por meio da Cantoria institucionalizada, não de pé de parede. Como eu sempre fui militante político, eu fui pra Mossoró, como eu falei, em 1982 - já era militante político. No grêmio estudantil nas escolas, mesmo que fazendo sexta, sétima, oitava série eu já era de grêmio estudantil e era de grupo de jovens, participava de movimento de igreja. Tinha um padre muito revolucionário lá, daí eu ia pro Recife, pra onde funcionava a questão da pastoral da terra. Trabalhei muito tempo cantando num programa do MEB, Movimento de Educação e Base, que era ligado à igreja católica também. Eu acho que está ligado a Cáritas hoje, eu não sei.

Eles tinham programa na emissora rural, que era da igreja católica e eu era muito ativo nesses movimentos. Com isso eu me politizei. Particpei do núcleo de estudos do PC do B, em que você estudava quatro, cinco horas por dia, depois fazer questionário, bem trotskista mesmo... E aqui em Brasília eu vim pelos sindicatos e pela CUT. Aí eu comecei a vir a Brasília cantar muito em marchas. Marcha da educação, grito dos excluídos. Particpei aqui da formação das primeiras oficinas do pessoal do MST, que foi em 94 pra 95, que era da ANCA - Associação Nacional de Cooperação Agrária, que eram aqueles que seguravam a questão do MST. E na época Zunga era o presidente da CUT e conversou comigo: “vem que a gente garante, morrer de fome você não morre não”. Aí eu cantava muito pela CUT, Sindicato dos Vigilantes, Sindijus, Sai, Sinpro, Sindsep, Sindicato da Embrapa... Aí tinha uma atividade, tinha uma reunião, eu ia lá cantar e o Sindicato me pagava. E aí fiz a campanha de Cristovam [Buarque], na época. Quando eu terminei a campanha me chamaram para o governo, aí eu fui para o governo. Fiz a campanha de graça na época, aí fui para o governo, foi assim. Aí você começa, vem pra cidade, começa a se estruturar cantando em outras coisas e se estabelece. Minha mulher era professora lá, veio pra cá e já passou num concurso, aí também já ajudou, enquanto professora. E a gente montou a estrutura aqui.

Domingos: Em termos de Cantoria, a Casa do Cantador tem uma importância para o Distrito Federal?

Chico: Tem, ela é referência... A Casa do Cantador é referência da Cantoria. Quando você vai cantar, às vezes num canto o cara diz: “olha, é cantador da Casa do Cantador”. Às vezes não é nem da Casa do Cantador, mas dizem: “é da Casa do Cantador”. Então ela é esse ideal de irradiador de cultura popular, tendo a sua cara da Cantoria. Hoje lá tem muito mais coisas de viola caipira e eu acho isso muito salutar. Até porque tem muito mais violeiro caipira em Brasília do que repentista. E são muito mais organizados do que os repentistas, são muito mais organizados os violeiros caipiras - até porque também eles são mais estruturados. É, a gente faz um curso pra cantador de viola aqui, se tem o quê, vinte cantadores em Brasília, tem dois, três, os outros não vão. Aí você vê, isso é diferente pro violeiro caipira. Há uma confraternização entre eles com as famílias. E os cantadores não, os cantadores são muito individualistas, eles têm um ego muito forte. Inclusive a cada dia que passa eu tento perder isso, eu acho que eu já perdi, de achar que eu sou gênio porque canto de improviso. Porra nenhuma. Não vou ser gênio. Todo mundo tem sua genialidade, sua potencialidade no que faz. Por que eu sou cantador? Porque a primeira coisa que eu ouvi foi Cantoria. Eu gostei, me propus a ser cantador. Mas se seu vivesse numa comunidade de rock eu poderia ser roqueiro. Se eu tivesse no hip hop hoje eu poderia, não é? Então é o meio que faz. Aí, “porque nós somos mais inteligentes...” Não, porque nós convivemos. E a Cantoria, ela é de ouvido. Eu odiava música sertaneja e isso pela concepção da idiotização, que o cantador achava que só era bom o que ele fazia. Depois eu vim pra cá, comecei a ouvir e tinha hora que eu estava assobiando a música... Eu ficava, “pô, estou assobiando isso, que merda, não sei o quê...” E hoje eu gosto da música sertaneja boa e tudo. Não só de sertanejo não, eu gosto de todo tipo de música e de tudo quanto é cultura. Eu acho que a gente, nesse mundo,

tem que deixar mais transversal possível, dentro de tudo, essas *intra* e *entre* que tem tudo hoje. A gente tem que entender o outro e é por isso que hoje a gente transita em todos os espaços culturais. Eu e o João Santana, nós cantamos em quase todos os encontros aqui de rock, a gente está em tudo quanto é coisa, a gente está com a Cantoria, levando a Cantoria. Você vê a batalha de MC, eu acho muito lindo as batalhas de MCs, e eles têm as plateias. Cantador não faz mais isso aí, cantador é muito individualista. Eu não estou falando na questão da Cantoria, eu estou explicando como é o meio da gente. E respeito o lado de cada um. Mas eu acho que isso é uma coisa que vem arraigada desde o passado e os cantadores começam a trazer. E eu tenho muito essa preocupação até de conversar com cantador novo. Um cantador veio cantar na Casa do Cantador, eu fui deixá-lo no aeroporto. No caso, ele e o outro. E ele começou a fazer o trabalho dele: “olha, esse trabalho aqui estou pensando em gravar Chico, o que você acha?” Eu dirigindo o carro e ele atrás e o outro na frente ouvindo. Quando ele disse as dez estrofes, ele diz: “vou gravar, passar cinco para um colega e gravar as outras cinco”. Eu digo: “se eu fosse você eu jogava no lixo”. Ele: “por quê?” Eu digo: “rapaz, você está fazendo um trabalho em que toda estrofe, diga aí de novo... Pare aí.” Quando ele parava, eu dizia: “preconceituosa, pejorativa, machista, você está doido rapaz? Bota na tua cabeça que a Cantoria não é mais do passado não, você está vivendo num mundo diferente hoje. Você está doido de dizer um negócio desse, se você for cantar isso num canto que tem uma mulher que tem uma concepção do trabalho dela mesmo, ela te mete um grito em você, mete um tapa na tua cara. Cantoria não é isso não porra, para com isso.” “Ah, então você não vai mais cantar não?” Eu digo: “vou, mas eu acho que você tem que se livrar desse tipo de coisa”. Cantador famoso, novo. Eu digo: “você é filho da puta, com trinta e poucos anos você não tem o direito de fazer mais isso. O cara que tem sessenta, setenta anos tudo bem... Você não tem o direito de fazer isso então”. Aí quando você se propõe a fazer esse tipo de Cantoria ela fica muito mais difícil de ser feita porque você está se policiando. E quando você menos espera... Às vezes eu vou numa Cantoria e digo “porra, não era pra ter dito aquilo”. É um vício de linguagem, o meio que você aprendeu. Você pra se desvencilhar disso é muito complicado. Agora, vá perguntar a um bocado de cantador pra ver se eles têm esse tipo de pensamento. Não tem, cantador bom... Eu acho a Cantoria muito complexa pra ser entendida desse lado, de você fazer uma Cantoria limpa pra acompanhar as transformações de cada momento. Cada momento está vindo uma geração, você tem que entender essa geração. Você não tem que dizer pra geração, você tem que fazer, porque não tem coisa pior que você dizer pra uma geração jovem, “no meu tempo não era assim”. Ela vai rir da tua cara, com certeza ela vai rir da tua cara. Você tem que procurar entender, se tiver como fazer com que ela possa lhe entender e compreender o seu trabalho. E pelo menos se propor a ouvir ou a fazer, mas da maneira dela. Agora, você também tem que ter o cuidado pro cara não deturpar. Você pode inovar, mas você não pode transformar, porque se você transformar você pode perder a essência dela e quando você perde a essência aí acabou.

Domingos: E o que você acha que a Cantoria precisa pra continuar se firmando nos dias de hoje?

Chico: Eu acho que a Cantoria, ela está caminhando pra ser mesmo uma Cantoria mais qualificada, de poucos cantadores, mas de bons cantadores. Hoje nós estamos com uma leva de cantadores muito boa. Pouca, muito pequena, mas boa. Os cantadores já estão tendo esse entendimento que o mundo mudou e que a Cantoria é essa mesmo. Então eu acho que a Cantoria ela vai ser essa Cantoria mais limpa. Agora eu fico, eu não consigo imaginar a Cantoria daqui a trinta anos. Eu não estou mais aqui, outros cantadores da minha idade e esses que estão na faixa de sessenta, setenta anos estão já também indo. E outros com certeza irão daqui a pouco. Então eu acho que a Cantoria é essa. A concepção da Cantoria é uma Cantoria melhor, agora, muito menor. E vai ser a Cantoria mais acadêmica, ou não sei se a palavra está correta. É a questão mais acadêmica. Pode ser que dentro do academicismo eu vejo também uma preocupação. Tem pessoas que começam com pesquisa, começam a inventar de cantar e às vezes começa já a achar que tem que mudar da forma que ela pensa. E quando você menos espera ela está deturpando alguma coisa da Cantoria. Eu acho que se você dentro do academicismo começar a inventar de cantar você tem que começar por eles pra depois tentar limpar a Cantoria. Mas se você já começar de cima pra baixo corre um sério risco de acabar com essa questão da essência da Cantoria.

Tati: E que habilidades a pessoa precisa ter pra ser um bom cantor?

Chico: Você fala da questão da habilidade... Se você escutar, muitas pessoas dizem: “você é cantor porque tem o dom”. Eu não acredito em dom, eu acredito em vários fatores pra você ser um profissional. E não só como cantor, mas em qualquer área. É o meio. Ou, às vezes quando não é o meio, a força de vontade. Aí tem a perseverança, que está ligada à mesma coisa. E tem a questão de você se propor a querer ser bom, mediano ou ótimo. Se você quiser ser um bom cantor você tem que se preparar pra ser um bom cantor. Mas às vezes você começa a ganhar dinheiro e viver, as pessoas começam a dizer: “você já é um bom cantor”. Ele estaciona naquilo e fica cantando aquilo a vida toda. Então eu acho que você tem que, a cada dia, aprender mais e tentar melhorar pra ser um excelente cantor.

Domingos: Além de ter um certo conhecimento geral das coisas, o cantor precisa ter também uma habilidade musical?

Chico: É, a habilidade musical ajuda muito. Eu fico ouvindo muito os colegas do Nordeste, eu vou muito lá. E eu fazendo uma análise... Tem cantor bom que não é excelente, que está com o nome melhor do que excelente, porque ele tem uma melodia boa. Ele tem uma boa aparência, ele tem uma boa postura, isso é muito forte. Se eu sou o cantor da Cantoria melhor que tem, mas a minha melodia é feia, se eu não consigo transmitir... Essa questão da transmissão pesa muito pro cantor. Tem cantadores que fizeram o nome na Cantoria por que têm uma transmissão, têm uma fluidez enorme. Mas se você vê a Cantoria dele, é bem pequenininha, mas ele conseguiu ter o nome mais do que o cantor, porque o outro não soube transmitir. Você vê como tem vários fatores no cantor. Você tem que lutar pra ser o quê? A gente está colocando agora nas oficinas para os cantadores aqui, trazendo alguns de fora, a questão performática da Cantoria... Aí tem cantor que canta com a perna, eu não

cruzo não porque as minhas juntas já estão dura, eu estou sedentário, cruza a perna aqui, deixa a viola e toca assim [com o corpo largado, sem postura]. É de lascar, não é? E ele quer transmitir da maneira dele... Eu tenho que entender a Cantoria. Se você me chama pra cantar num congresso de Medicina, eu pergunto pra parte organizacional: “me diga uma coisa, vocês querem que cante do congresso ou só pra mostrar a Cantoria? Quer que fale disso ou disso?” Ou às vezes você chega pra cantar num canto que você não sabe o público, quando olha o público tem que ver de que forma vai cantar para ele. Você começa com a sextilha? O público nunca ouviu Cantoria... Eu vou começar com a sextilha que é lenta? Eu vou cantar com a modalidade do *balançado* que já agrada o povo, já vou balançando. Mas o cantador tradicional, ele não está nem aí. Ele diz: “eu vou cantar o que eu sei, quem quiser que goste, quem não quiser que se lasque”. Eu não acho que a Cantoria é assim. Você tem que saber que, se eu estou sendo contratado, alguém está me pagando. Se alguém está me ouvindo, alguém pagou por ela, eu tenho que ter responsabilidade pelo meu serviço. Mas tem cantador que não tem.

Domingos: Você estava falando essa questão de cantar sozinho, que você não gosta. Mas não existe cantador que faz sozinho? E existe aquela Cantoria que não é necessariamente improvisada?

Chico: É, tem alguns que fazem, escrevem e cantam sozinhos. Até porque pra cantar de improviso... Enquanto eu estou cantando contigo, você está fazendo o seu e eu estou aqui doidinho pra ver o que é que eu faço meu. Você pode olhar, a Cantoria tem muito cantador que gosta de cantar escrito. Eu tenho pra mim de não cantar escrito. Eu acho sacanagem, desculpa a palavra, não acho correto usar a Cantoria escrita pra pessoa que está achando que eu estou cantando de improviso. Eu estou vendendo gato por lebre. E a gente fala que a Cantoria escrita ela é amaldiçoada. Ninguém aplaude a Cantoria escrita, porque o cantador que está cantando escrito não está preocupado pra criar, ele está preocupado pra não esquecer, não é? E a preocupação da criação... Se você olhar nos olhos do cantador é uma coisa muito bela. Você vê que ele está queimando adrenalina aqui. É inegável que em alguns cantos a gente tem que pensar alguma coisa. Isto é o segredo do cantador... Mas, por exemplo, você me chama pra cantar numa coisa específica e aí eu digo, vamos fazer duas estrofezinhas pra começar, pronto. Pronto, você pega, fez as duas, embalou e vai. Mas tem cantador que fecha a apresentação. Tem alguns cantadores no Nordeste, cantadores bons, que gostam de cantar escrito, de levar Cantoria de meia hora de Cantoria escrita. E às vezes eles esquecem e repetem um pouco de Cantoria, repetem. Imagine, tem cantador aí que esquece que hoje todo mundo está com celular... Quando ele olha, está numa Cantoria e cantando a mesma coisa na outra. E os caras estão se decepcionando, eles estão com medo já desse tipo de coisa. Por isso que eu primo para cantar a Cantoria de improviso. Nesse projeto, *Cantoria de Norte a Sul*, que a gente fez, a gente cantou em um circo em Minas Gerais, em Belo Horizonte, num circo em Florianópolis e não tinha um Nordestino na Cantoria. E o pessoal pediu um mote lá... Aí tinha uma pessoa, pediu um mote lá que é até amigo de João, da União do Vegetal, que gosta de Cantoria e inventa de escrever, mas é

gaúcho o cara. E pediu um mote decassílabo e a gente cantou o mote muito bem. Está até no You Tube esse mote. Aí eu vendo, eu digo: “João, vão pensar que a gente cantou escrito”. Tanto que a gente cantou bem nesse serviço. Por isso que é a felicidade você cantar bem de improviso. Mas há um determinado momento que às vezes você cante ruim, você conseguiu cantar ruim. E quando você canta ruim não é porque você está cantando... Às vezes o momento vem, meu amigo, e às vezes a coisa não está fértil mesmo não. E você se preocupa... E se você se preocupar demais aí piora, você tem que dar uma relaxadzinha, voltar... Tenho que melhorar isso aqui, não sei o quê... É a complexidade do improviso. Eu acho que ela é muito divinal - essa questão da Cantoria pra esse lado do improviso. Porque enquanto eu estou cantando contigo... Por exemplo, a gente está cantando um determinado assunto, aí você faz a estrofe e vai pra rima; quando você faz a primeira rima eu pego a sua e já começo a trabalhar a minha, pra jogar na outra rima. Só que na hora aparecem inúmeras e eu tenho que pegar uma e elegê-la. E vem várias aqui... Aí eu vou falar rima de “ão”, rima de “i”, rima de coração, aí eu vejo e digo: “não, se eu não tiver cuidado eu vou me entalar com todas e não digo nada”. Eu esqueço aquelas outras que vieram, eu elejo uma e vou tentar trabalhar aquela. Então a gente trabalha dessa forma. Agora, tem cantador que não está nem aí. Você está aí ele está aqui, aí diz o que vem na boca, só na rima, o prático da rima, que é chamado o cantador rimador, que ele está preocupado só em rimar. Quando você for olhar, ele tem comido gelo, porque ele não disse nada. Eu tenho que me preocupar pra colocar sabor no que estou dizendo, que é o que a gente chama de poesia. Poesia, pra nós repentistas, é o sabor poético da produção.

Domingos: Uma maneira de designar o cantador é chamar ele de poeta...

Chico: É, varia muito de local. Na nossa região nós chamávamos muito de cantador. É cantador. Cantador. Hoje é que o povo chama mais repentista. E já em Pernambuco eles chamavam mais de poeta. Tanto é que se você olhar João Paraibano, que foi um grande cantador, ele chamava todo mundo de poeta. De poetinha: “Ê poetinha!” Às vezes o cara não tinha nada a ver, mas porque gostava de Cantoria ele chamava de poeta: “ê poeta”. Poeta, o cara não era poeta, mas ele chamava. É questão de se familiarizar também com o adepto da Cantoria. Eu fui numa Cantoria agora, fiquei quatro horas, os cantadores cantando quatro horas, o povo pedindo... Da forma da Cantoria que a gente faz em Brasília, que a gente canta meia-hora, no máximo uma hora, raramente a gente canta uma hora. Os caras dizem: “vocês viraram mercenários da Cantoria”. Não é questão de ser mercenário, é questão de sobrevivência. Como é que eu vou cantar num evento em que o cara diz que eu vou cantar dentro da palestra dele... Se a palestra dele é de uma hora, ou de duas horas, eu tenho que cantar dez minutos, não é? Nós fomos fazer um relatório de um projeto agora em São Paulo, de uma atividade em São Paulo, 20 de abril. A gente ouviu a palestra de quatro horas e fez um relatório cantado. A gente fez o relatório da palestra cantado, que era de comunicação. Os 40 anos da Oboré, lá estava Heródoto Barbeiro, estava César Tralli, estava figuras políticas, Genoíno estava lá, estava Audálio Dantas, que é um *marchand*, um pesquisador, muitas pessoas boas estavam lá. E o Sérgio da Oboré. Não, o Audálio não

estava, Audálio estava doente, mas ele esteve em outras oportunidades na Oboré. Então, se você não tiver esse traquejo você não vai fazer um relatório cantado de uma atividade. Vou trabalhar aqui dois eixos temáticos que vou reunir, ou eu vou pra algum GT. Aí tem vários GTs - tenho que acompanhar esses grupos de trabalho e ir anotando alguma coisa pra depois pegar aquele relatório, aquele calhamaço de frases que anotei, pra transformar elas todas no que eu vi do evento. Aí eu acho que a Cantoria vai ser desse jeito daqui pra frente. Infelizmente vai, porque nós não vamos ter mais Cantoria tradicional lotada de pessoas se emocionando e chorando com a Cantoria. Eu acho isso muito complicado, eu vejo desse jeito. Eu odiava quando o cantador dizia isso, eu achava que eles estavam... Mas depois eu... Agora, eles diziam um negócio diferente, que a Cantoria ia morrer com eles. “Daqui pra frente, quando a gente morrer não vai mais ter Cantoria”. Eu achava sacanagem por isso, que eles não estavam respeitando os que estavam chegando. Porque você tem que respeitar os que estão vindo, não é? A Cantoria não vai morrer comigo, depois de mim virá alguém. Agora, a minha geração foi uma, a geração que eu entrei, que já estava se acabando, foi outra e as que virão são outras. Mas é muito difícil, porque na minha época eu lembro que tinha gente que se emocionava, chorava se dava um mote de mãe. Você começava a cantar de mãe, caboclo começava a chorar... Você via as pessoas chorando, mote de saudade. Hoje você não vê mais isso.

Domingos: Chico, você não teria mesmo como cantar algo pra gente?

Chico: Você vai fazer eu cantar sozinho mesmo é?

Domingos: Só uma só pra gente registrar esse momento...

[toca na viola dinâmica um baião de viola e canta de improviso]:

*Pra fazer meu improviso
Sempre procuro um caminho
E pra registrar o momento
Canto com todo carinho
Pra ninguém sair dizendo
Que eu não canto sozinho*

*Eu sou como um passarinho
Que voou para o paraíso
O paraíso é a nuvem
Que está acima do piso
E sozinho o espaço é curto
Pra pensar no improviso.*

Domingos: Bom demais! Obrigado!

Chico: Como eu falei, enquanto o cabra está falando eu tenho um espaço... Quando termina aqui eu já corro em cima do meu. Então tá gente, obrigado pelo momento. Não sei se eu contribuí, mas fiz o que pude. Agradeço a vocês e projeto como esse é muito importante pra que a Cantoria se perpetue cada vez mais dentro do cenário e das expressões da cultura popular. Eu não gosto muito desse negócio de cultura popular, pra mim é cultura, é de todo mundo. E eu acho que a Cantoria merece esse espaço, ser resguardada como patrimônio não só do Distrito Federal mas de toda a nação brasileira.

Domingos: A gente é que agradece essa prosa.

Daniel: Só uma última questão: qual é a emoção que você sente quando está cantando?

Chico: A emoção da Cantoria, do cantador... Eu acho uma das coisas mais divinais pra esse profissional. Eu mesmo cheguei a me emocionar várias vezes cantando de improviso. Porque o povo fala muito, principalmente os cantadores, que a Cantoria faz parte do sagrado do seu próprio eu. É como se você se auto descobrisse com uma potencialidade que você acha que você é capaz de fazer. Que hoje eu não procuro mais ter esse pensamento, mas antes tinha hora que eu fazia uma estrofe que eu achava que ela era tão magistral... “Será que ninguém percebeu isso que eu fiz, não é?” Mas aquilo causava emoção em mim e o sentimento de realização de uma coisa muito boa. E os cantadores também se sentem assim, principalmente os que procuram cantar mesmo, de ir a fundo no improviso. Dentro dessa Cantoria que fui na semana passada, eu estava com alguns cantadores e os cantadores saíram falando... A pessoa disse: “olha, o inverno está muito bom, fala aí do sertão”, que eles gostam muito de pedir pra falar do sertão, eles são muito saudosistas. Os nordestinos são muito saudosistas com essa questão do sertão. E Jonas Bezerra e Valdir Teles, falando da natureza, eles cantaram muito bem essa sextilha. Valdir Teles terminou na rima de EZA, e Jonas disse:

Na força da natureza

A aranha tece a rede

O grilo faz cantoria

No buraco de parede

E o orvalho molha a planta

Pra flor não morrer de sede.

Chico: Se você for olhar, uma estrofe dessa é muito bem-feita. E eu consegui decorar. Quando eu encontrei com ele eu disse: “Raimundo, eu decorei aquela estrofe”. Ele: “Porra, eu não consegui decorar”. Como eu falei, as estrofes antológicas surgiram dessa forma. Alguns cantadores ouvindo os outros e outras pessoas que iam pras Cantorias... Pra decorar as estrofes. Ia ver a Cantoria, aí o cabra ficava antenado... Quando era uma boa ele dizia: “essa eu consegui decorar”. Às vezes o outro disse: “eu não lembrei não”. E o ouvinte disse: “não, eu lembro quando ele começou”. O outro, “eu vejo como terminou”. Juntava e aquela estrofe era decorada. Não tinha gravador. Essas estrofes viraram estrofes antológicas que

hoje estão nos livros. Então surgiu dessa forma, como eu decorei essa estrofe de Jonas que é um cantador muito bom.
